



**Universidade de Brasília**

**Disciplina:** Monografia Filosófica

**Docente:** Prof. Dr<sup>a</sup>. Priscila Rufinoni

**Discente:** Edson Victor Mendes

**Matrícula:** 18/0040545

“Dos Terreiros às Batalhas de Rimas,  
um ensaio sobre a Cultura anti-indústria”

**Brasília,**

**15 de Janeiro de 2024.**

# **EDSON VICTOR MENDES**

**“Dos Terreiros às Batalhas de Rimas,  
um ensaio sobre a Cultura anti-indústria”**

Monografia apresentada ao  
Departamento de Filosofia como requisito  
parcial para obtenção do título de  
licenciatura, sob a orientação da  
Professora Dr<sup>a</sup> Priscila Ruffinoni.

**Brasília,**

**15 de Janeiro de 2024.**

**“Dos Terreiros às Batalhas de Rimas,  
um ensaio sobre a Cultura anti-indústria”**

Monografia apresentada ao Departamento de  
Filosofia como requisito parcial para obtenção do  
título de licenciatura, sob a orientação da  
Professora Dr<sup>a</sup> Priscila Ruffinoni.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Priscila Rossinetti Ruffinoni  
Universidade de Brasília  
Orientadora

---

Wanderson Flor do Nascimento  
Universidade de Brasília  
Examinador

Dedico esse trabalho à mulher que foi responsável por me apresentar às duas coisas que vinham a se tornar tema deste trabalho, o RAP e a Umbanda. Foi com a música *“A Vida é Desafio”* dos Racionais MC’s que aprendi a ter esperança em um futuro melhor, foi na Umbanda que pela primeira vez não fui uma criança com deficiência, mas apenas criança. Seja no conselho de um Preto Velho ou seja em um verso dos Racionais MC’s, eu vejo você. E se cheguei até aqui foi porque tenho você.

Obrigado, mãe.

## **Agradecimentos**

À minha família, em especial minha mãe, Marta Gonçalves, que sempre me incentivou e me deu todo amparo possível para poder ingressar e me formar no ensino superior.

À primeira filósofa que eu conheci, Bianca Machado, e à primeira historiadora que conheci, Ana Flávia Magalhães, que não permitiram que eu desistisse de prestar vestibular por acreditar que não teria condições de aprovação.

À minha orientadora, Priscila Rufinoni, que por muitas vezes ultrapassou os limites da docência e me ajudou a não me perder do meu objetivo de me formar em licenciatura em Filosofia.

Ao departamento de Filosofia, em especial às professoras Raquel Imanishi e Maria Cecília, e os professores André Leclerc, Uã Flor, Agnaldo Cuoco e Philipe Lacour que sempre me apoiaram em questões de permanência estudantil.

Ao Movimento Correnteza, que me mostrou que com apenas organização e luta, nós, que viemos de onde nunca ninguém veio, podemos garantir que a universidade seja cada vez mais ocupada pelo povo pobre.

À meu partido, que me mostrou o que é fraternidade e que coletivamente posso alcançar meus objetivos mais desafiadores.

À Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Dj que, na ausência de um pai biológico, tiveram um papel fundamental, onde em conjunto com minha mãe, me formaram desde criança.

Agradeço à meu Orixá, Omolu, e ao meu amigo, Zé Pilintra, que sempre se fizeram presente na minha graduação.

## Epígrafe

*“Sonho imundo, só água na geladeira*

*E eu querendo salvar o mundo*

*No fundo é tipo David Blaine*

*A mãe assume, o pai some de costume*

*No máximo é um sobrenome*

*[...] Então serra os punho sorria*

*E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente  
vazias”*

**Emicida, Levanta e Anda.**

## Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso pretende contribuir para o debate sobre a cultura do povo da periferia. Para isso usamos os seguintes autores, Theodor Adorno, HAMPATÉ BÁ, Verlaine Freitas e Acauam Silvério. O debate gira em torno dos textos dos dois primeiros autores, e o terceiro autor é usado para trazer uma perspectiva brasileira tendo em vista que ele escreveu o prefácio do livro “Sobrevivendo no Inferno”. O RAP e a Umbanda foram os componentes da cultura popular escolhida para serem analisadas, isso ocorre pela relevância que o estilo musical e a religião de matriz africana têm para a cultura brasileira como um todo, mas principalmente, para os moradores da periferia. Pois, vamos perceber que existe um papel de “professor” exercidos pelos rapper’s e pelos Pais e Mães de Santo, no qual traduzem em forma de arte e religiosidade as vivências nas periferias e com isso analisam o porquê dessas vivências e como se relacionam as pessoas da periferia com tudo em sua volta. Assim, agindo contra a ideologia por trás da Indústria Cultural.

This course conclusion word intends to present the following question as a debate: can mass culture also be the emancipation of the people of the periphery? For this we used the following authors, Walter Benjamin, Theodor Adorno, HAMPATÉ BÁ and Acauam Silvério. The debate revolves around the texts of the first two authors, and the third author is used to bring a Brazilian perspective considering that he wrote the preface to the book “Surviving in Hell”. RAP and Umbanda were the components of mass culture chosen to be analyzed, this is due to the relevance that the musical style and the outskirts. Well, let’s realize that there is a role of “teacher” played by rappers and the Pais and Mães de Santo, in which they translate the experiences on the outskirts into a form of art and religiosity and with this they analyze the reason for these experiences and how people relate to each other. From the outskirts with everything around it

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I: AFINAL, O QUE É “INDÚSTRIA CULTURAL”?</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II: Umbanda, religião como resistência de um saber ancestral</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO III: O RAP é compromisso, não é viagem</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO IV: É o RAP do DF, invadindo a cena</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>26</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

Obviamente, seria muito pretensioso qualquer pessoa querer em um Trabalho de Conclusão de Curso conseguir abarcar todas as felicidades, toda a força e luta que tem a cultura que nasce do povo das periferias do Brasil. O encontro do povo negro, dos povos originários, e de cada um que em sua particularidade contribui para a construção de uma cultura, a enriquece com tantas nuances, que se fazem presente em cada vivência dentro de uma periferia ou favela seria necessária uma vida inteira, dedicada apenas a escrever sobre esse tema. Mas, com humildade e disposição, é possível debater alguns aspectos dessa cultura.

Fomentar essa discussão, de forma que enalteça essa cultura e sua produção é necessário. Pois no contexto social do Brasil, a sua cultura pode definir o nível de periculosidade com que o Estado Brasileiro e a sociedade civil vão agir com uma pessoa, questões que são fundamentais para a manutenção da vida e do bem estar social. Efetivamente, algumas questões precisam ser respondidas para que possamos avançar enquanto sociedade. É razoável que uma pessoa seja presa e agredida por um aparato estatal por expressar sua cultura? Pois, é isso que ocorre com diversos cantores de gêneros como RAP, Funk, Samba dentre outros, e infelizmente casos assim não são incomuns. Em 2021 a polícia militar do Estado de São Paulo - SP invadiu uma casa e sequestrou o cantor e compositor MC Salvador,<sup>1</sup> sem um mandato oficial que permitissem a invasão, usaram como argumento para tal ação que o artista fazia apologia ao crime organizado, pois em uma de suas composições MC Salvador diz:

*“Oi, no pião de vida loka, eu tô de moletom e touca*

*Acabou meu plantão na boca, eu vou pro baile curtir*

*Destino é casinha, dei um salve nas novinhas*

*Se trombar com os ‘coxinha’, eu falo que sou MC”.* (Vergonha Pra Mídia, 2020)

---

<sup>1</sup> JORNAL DA RECORD. **MC Salvador da Rima denuncia agressão de PMs**. 2021. Disponível em: [https://youtu.be/s-OCRjAXAgk?si=7iYtn6HN\\_JJpJPtg](https://youtu.be/s-OCRjAXAgk?si=7iYtn6HN_JJpJPtg). Acesso em 22 de Jan. 2024.

Fábio Gabriel Araujo Salvador, vulgo Salvador da Rima, é um jovem músico que nasceu nas periferias da Zona Leste de São Paulo. E, felizmente, foi provada sua inocência perante essas acusações.

E, infelizmente, essa é uma violência que também é possível estar presente para outras formas culturais que a periferia usa para se expressar. Em 2022, uma adolescente conversava com um colega de turma em uma escola sobre sua religião, Umbanda, quando foi agredida fisicamente por outras pessoas, que alegavam que a adolescente cultuava o demônio.<sup>2</sup> É absurdo que essas situações aconteçam. Nesse sentido, essa pesquisa possui o papel de buscar evidenciar, de maneira teórica e filosófica, a grandiosidade, a beleza e a relevância das culturas que nascem das periferias, em especial do povo negro e pobre.

Para tal, foi escolhida a metodologia de leitura de textos e artigos sobre o tema da “Indústria Cultural”, em especial, do filósofo Theodor Adorno e seus comentadores, para podermos entender como uma parte notável da Filosofia entende a cultura. E como o interesse do debate é a cultura para além da filosofia tradicional, foi realizado uma leitura de textos que tratavam sobre a cultura das periferias, o texto “Sobrevivendo ao Inferno” do grupo musical Racionais MC’s, com o prefácio escrito pelo grandioso Acauam Silvero, foi fundamental para traçar um raciocínio filosófico sobre o RAP. Bem como de textos de Luiz Antonio Simas e de Hampaté Bá para traçar um raciocínio sobre a Umbanda, de modo que possamos construir nosso debate.

De tal modo, esse trabalho foi dividido em 4 (quatro) capítulos. O primeiro, intitulado “Afim, o que é ‘indústria cultural’?”, explica o que pode ser considerado um dos principais conceitos que sustentam esse trabalho, a Indústria Cultural.

O capítulo 2 (dois), coloca em debate um dos elementos culturais que será trabalhado, a Umbanda. Com base em textos de Luiz Antonio Simas, em especial o livro “*Umbandas: uma história do Brasil*”, é explicado o que é religião, algumas características importantes para o trabalho do ponto de vista de sua prática e sua

---

<sup>2</sup> G1. **Coletivo denuncia intolerância religiosa após adolescente umbandista ser agredida em escola de Joinville**. Santa Catarina, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/04/28/coletivo-denuncia-intolerancia-religiosa-apos-adolescente-umbandista-ser-agredida-em-escola-de-joinville.ghtml>. Acesso em 22 de Jan. 2024.

história. E com base no texto “*A tradição viva*” do filósofo HAMPATÉ BÁ, foi colocado aspectos referentes à importância e seriedade que é dado para o uso da tradição oral dentro da cultura afro-brasileira, nesse caso da religião Umbanda.

O capítulo 3 (três), vai apresentar o segundo elemento cultural do nosso debate, o RAP. Com foco no grupo Racionais MC's, em especial, algumas músicas dos álbuns *Sobrevivendo ao Inferno* e *Nada como um Dia após outro dia*, com seus ensinamentos de organização social, político e econômico, será evidenciado o papel social do RAP, como uma cultura da periferia.

O capítulo 4 (quatro), busca reforçar esse papel do RAP como um organizador social, que conta uma história, que ao contrário do que se possa pensar, não é construída apenas por histórias tristes e com sofrimento. Mas, sim, também existem suas potencialidades e alegrias. E para isso, é apresentado um pouco da construção do RAP na capital do país, Distrito Federal.

Por fim, nas considerações finais, com base no acúmulo dos 4 (quatro) primeiros capítulos, vai ser enfatizado como a cultura da periferia, do povo negro e pobre, atua de maneira contrária ao que a maneira de organização da Indústria Cultural. Mas sim, de uma maneira própria, atua como um organizador social.

## **CAPÍTULO I**

### **AFINAL, O QUE É “INDÚSTRIA CULTURAL”?**

Para podermos adentrar o debate que esse trabalho traz, *cultura*, é necessário entender um conceito que será fundamental, é: *Indústria Cultural*. Muitos foram os pensadores e pensadoras que se propuseram a buscar uma definição para “cultura” e suas manifestações, e naturalmente, teremos que selecionar apenas um para podermos utilizar. Com base na definição elaborada por Theodor Adorno, sob a perspectiva do professor Verlaine Freitas, iremos dar seguimento ao trabalho. Segundo Verlaine Freitas, Adorno divide em 7 (sete) partes o conceito de *Indústria Cultural*, são: 1) A indústria, a produção de cultura como mercadoria. Isso é, uma iniciativa da indústria cultural de produzir a partir de uma pesquisa realizada sobre as necessidades que um público, um povo ou um consumidor específico pode ter no momento. Nas palavras de Verlaine Freitas:

“na medida em que os produtos são fabricados ao se captarem necessidades sociais genéricas no público, ao qual se apresentam então estereótipos embelezados tecnicamente. Desse modo, manipulam-se retroativamente as necessidades” (2003)

2) O "hobbysta" nas garras do estilo da indústria cultural. Esse está do outro lado da Indústria Cultural, do lado consumidor. E esse por sua vez, acredita que exerce uma condição de liberdade individual ao poder escolher o que irá consumir, seja decidir a música que vai ouvir, seja o filme que vai assistir, nas palavras de Verlaïne Freitas *“O ‘hobbysta’ (Freizeitler) é aquele que usufrui dos produtos da cultura de massa pensando que age espontaneamente, como se seu prazer fosse fruto de sua liberdade. Ledo engano”* (2003). Isso ocorre, pois, a própria indústria planeja para que seus produtos sejam capazes de causar essa sensação de liberdade. 3) As origens históricas no liberalismo, isso faz com que a cultura sirva como adestramento. Essa parte seria responsável por passar uma mensagem com ordens a serem seguidas pelas pessoas que consomem o produto. Seja desenvolver um posicionamento politicamente acerca de algum tema, seja comprar e construir materialmente alguma campanha que seja lucrativa para uma empresa. Vale reforçar que, de forma intencional, isso é feito pela indústria, bem como fazer tudo isso de forma que não seja simples de ser identificado, de maneira que quem consome acredita que sua vontade foi uma expressão individual de suas vontades. Muitas vezes isso é feito de forma que pareça até divertido para que seja mais difícil essa percepção. Nas palavras de Verlaïne Freitas:

“O resultado é um processo de adaptação sistemática do indivíduo na totalidade, que se dá, em termos mais específicos de linguagem estética, no humor sarcástico com as cenas de pancadaria e humilhação dos personagens, tal como as surras que o Pato Donald leva nos cartoons. O espectador ri de sua própria condição de rejeitado pelo sistema.” (2003)

4) A atualidade da confiscação (Vereinnahmung) — (sobre)viver como jogo de azar, a promessa de obediência. Em síntese essa é a falsa promessa de uma possível liberdade a ser exercida pelos consumidores. Com seus estudos e pesquisa, a Indústria Cultural, é capaz de utilizar a mensagem que seu produto possa transmitir de maneira que exprima em seus consumidores uma ideia errônea acerca de uma possível ideia de liberdade. Errônea, sim, pois carregado de

estímulos e indicativos, o consumidor mal consegue identificar a influência a qual está submetido, mas isso nem de longe é capaz de fazer com que essa influência não exista. Nas palavras de Verlaine Freitas:

“Em um mundo totalmente administrado, como diz Adorno, é preciso fazer crer que a rede de monopólios, trustes e cartéis ainda mantém espaço para o acaso, em que a liberdade individual pode ser exercida. A indústria cultural se incumbiu de fornecer essa ilusão de contingência” (2003)

5) Provimento autoritário e a liquidação do trágico. Ocorre que a indústria cultural, fomentada pela burguesia dentro do capitalismo tardio, tem como uma das metas a extinção do indivíduo, enquanto próprio indivíduo, para que ele se agregue ao coletivo de maneira que fique dentro de uma determinada lógica de consumo. Assim a indústria cultural seguirá lucrando através do controle das pessoas, através do seu subconsciente, nas palavras de Verlaine Freitas:

“A indústria cultural tende a enfatizar o quanto a identidade subjetiva se valoriza a partir da integração à totalidade social. Desse modo, ela faz constantes empréstimos à arte mostrando o sofrimento como etapa necessária no processo de luta pela vida e de inserção social. Nessa corrupção do trágico, Adorno e Horkheimer visualizam a própria anulação do indivíduo.” (2003)

6) O indivíduo confiscado, propaganda. Aqui demonstra que mesmo os aspectos de individualidades que as pessoas possam entender como próprios de si, na verdade, são características que foram desenvolvidas a partir do consumo de determinados produtos criados pela indústria cultural. Nas palavras de Verlaine Freitas *“Tem-se, a partir desse quadro, uma pseudo-individualidade, na medida em que cada indivíduo apresenta traços dispersos de uma universalidade consumida em cada produto da indústria cultural.”* (2003); 7) Cultura como reclame. A indústria cultural atua de maneira a criar produtos que façam as pessoas entender aquele produto como necessário, mesmo sem de fato ele ser, mas que sem ele não seria possível eles acessar um estado de bem estar, nas palavras de Verlaine Freitas:

“No caso do programa, o consumidor imagina situar-se naquele universo de beleza, felicidade, juventude, potência sexual etc., e ao comprar uma mercadoria anunciada na publicidade, tenta fazer a mesma coisa, só que

diretamente com a posse material do objeto, que se toma um mero pretexto para a aquisição imaginária daqueles mesmos valores” (2003)

## CAPÍTULO II

### **Umbanda, religião como resistência de um saber ancestral.**

Umbanda. Talvez, seja essa, a religião com maior número de suposições e apontamentos sobre seu nascimento. Se não a maior, com certeza, uma das que estariam em primeiro. Diversas são as teorias que tentam nos apresentar uma possibilidade de resposta para a pergunta “como nasce a Umbanda?”, respostas que podem ser complementares, e dentro de seus limites, convergem. Porém, muitas entram em total contradição onde seria impossível entender as duas como possíveis simultaneamente, ou sequer dialogarem entre si. Uma das possibilidades de resposta a serem encontrada é que no dia 15 de Novembro de 1908 um espírito com o nome de *Caboclo das Sete Encruzilhadas* anunciou através do médium Zélio Fernandino de Moraes o nascimento da Umbanda para o plano terreno, isto é, o mundo material. Nas palavras de Luiz Antonio Simas:

“São dezenas de versões sobre a criação da religião, reivindicações de origens, maneiras as mais diversas de organizar as giras, cantar os pontos, vestir as entidades, realizar oferendas, tocar tambor etc. Qualquer reflexão sobre o tema, portanto, parte da constatação de que é praticamente impossível estabelecer uma fixidez dogmática, doutrinária, inquestionável, para práticas religiosas que, no processo mesmo em que ocorrem, vão se transformando, adaptando, redefinindo, de acordo com as dinâmicas relações entre a tradição e a contemporaneidade.” (2021)

A Umbanda é uma religião brasileira, constituída por vários elementos das religiões africanas e cristãs, porém sem ser definida por eles. Formada no início do século XX com influência de movimentos religiosos como o Candomblé, o Catolicismo e o Espiritismo. Mas, essa influência não é suficiente para poder sintetizar uma religião com tantas nuances, fazer isso seria diminuir o tamanho que é a Umbanda, pois como bem apontou Luiz Antonio Simas “*Entender umbanda como síntese do Brasil percorre o perigoso caminho de apagar as dinâmicas de suas práticas, reelaborações, contradições, tensionamentos, pluralidades e soluções criativas de mundo*” (2021). A partir disso esse trabalho assumirá como

base 3 (três) princípios: primeiro, a Umbanda é uma religião afro-brasileira; segundo, o comum em todas as maneiras de se pensar a Umbanda, a relação do mundo material com o imaterial; por fim; terceiro, a prática da tradição oral como transmissão de conhecimento.

Mesmo se baseando em fundamentos de religiões cristãs, como o catolicismo, a Umbanda não faz uso de um livro sagrado como uma bíblia para os católicos ou o alcorão para o islã, isto é, na Umbanda não existe um livro que guarde os mandamentos, a história, os contos, entre outros fundamentos da religião. Isso ocorre porque essa religião fundamenta sua transmissão de conhecimentos na tradição oral, isto é, ao invés de usar um livro escrito por seus antepassados para ensinar os fundamentos de sua religião e assim mantê-la viva, usa-se músicas, itãs (orações faladas) ou mesmo conversas para repassar esses conhecimentos. Por exemplo, na música “Oxossi” de Mariene de Castro:

“[...] Oxóssi, filho de Iemanjá  
Divindade do clã de Ogum  
É Ibulama, é Inlé  
Que Oxum levou pro rio e nasceu Logunedé  
Sua natureza é da Lua  
Na Lua, Oxóssi é Odé  
[...] Quinta-feira é seu ossé  
Axoxó, feijão preto, camarão, amendoim  
Azul e verde suas cores  
Calça branca rendada  
Saia curta enfeitada  
Ojá e couraça prateada [...]”

Mariene Bezerra de Castro, é uma cantora, atriz e compositora, que é conhecida por escrever músicas que tratam sobre o tema da religiosidade

afro-brasileira. E nessa música, ela traz alguns ensinamentos acerca de fundamentos das religiões que tenham em sua matriz influências africanas, neste caso se evidencia quais são os alimentos oferecidos a esta entidade, Oxóssi, e qual sua roupagem. Esse conhecimento adquirido através de um discurso oral pode-se considerar-se válido tanto como o adquirido por forma escrita, pois para alguns dos povos africanos, povos esses em que a Umbanda muito se fundamenta, o discurso oral é sagrado, nas palavras do filósofo Hampaté Bá:

“Mais do que todos os outros homens, os tradicionalistas-*doma*, grandes ou pequenos, obrigam-se à verdade. Para eles, a mentira não é simplesmente um defeito moral, mas *interdição ritual* cuja lhes impossibilitaria o preenchimento de sua função.” (2010; p.176)

Dentro de uma casa religiosa onde se pratica Umbanda, denominado terreiro, existe uma hierarquia de pessoas que tendem a ter mais informação que outras. Efetivamente, o pai e a mãe de santo, geralmente, são os mais sábios, pois eles têm acesso à fonte de todo conhecimento. Ao contrário do que comumente se pensa, a metafísica das religiões, onde os sacerdotes religiosos não conseguem acessar diretamente ao mundo que essas religiões consideram sagrado, o mundo espiritual, ou por assim dizer metafísico. Ao passo que na Umbanda ocorre o contrário, o mestre religioso, nesse caso o Pai e/ou Mãe de Santo tem acesso direto ao mundo espiritual, isso ocorre através de conversas com os seres espirituais, conversas que podem ser tanto verbais como através de sinais como o jogo de búzios, nas palavras de Luiz Antonio Simas:

“No invisível, moram ancestrais, espíritos desencarnados, encantados, que interagem com aquilo que se vê: se conectam utilizando os corpos dos vivos - as diversas formas de transe estão presentes nas variadas umbandas - para interagir com a família ou a comunidade, receitam remédios, preparam banhos com as folhas, dançam, brincam, expelem fumaças de cachimbos e, fundamentalmente, curam.” (2021)

Através dessas conversas os mestres espirituais aprendem fundamentos que os rituais vão ter, e as normas de conduta do terreiro. E, ensinados pela tradição oral, entendendo seu valor, os Pais e Mães de Santo são ensinado, de forma enraizadora, a ter uma prática ligada a falar a Verdade e não mentir, pois entendem

o compromisso que assumiram espiritualmente, e esse compromisso com a verdade é em parte influenciada pela cultura africana, nas palavras Hampaté Bá:

“A proibição da mentira deve-se ao fato de que se um oficiante mentisse, estaria corrompendo os atos rituais. Não mais preencheria o conjunto das condições rituais necessárias à realização do ato sagrado, sendo a principal estar ele próprio em harmonia antes de manipular as forças da vida. Não nos esqueçamos de que todos os sistemas mágico-religiosos africanos tendem a preservar ou restabelecer o equilíbrio das forças, do qual depende a harmonia do mundo material e espiritual” (2010; p. 177)

A Umbanda funciona, em sua parte física, baseada nos cargos do terreiro. Efetivamente, esses cargos são exercidos por pessoas no plano terreno, ou seja, as pessoas são designadas a seguir determinadas instruções de maneira que cumpra suas funções. Nas palavras de Luiz Antonio Simas *“O mundo material é composto das pessoas e do ambiente que as cerca: as folhas, as frutas, as águas, as pedras, as árvores, os bichos, as terras, as ruas, as esquinas, as encruzilhadas, as comidas etc.”* (2021)

Os cargos são destinados às pessoas de acordo com seus Karmas e suas possibilidades. E as pessoas aprendem a função dos cargos com pessoas mais velhas que fazem ou já fizeram parte desse cargo. Por exemplo, o Ogã, a pessoa que ocupar esse cargo tem a função de tocar os atabaques que irão dar ritmo ao ritual; a Ekedy, quem cumpri o papel de ser uma Ekedy tem a função e o dever de ajudar o Orixá – deusidade divina de diversas religiões que se fundamentam de alguma forma nas culturas africanas – e esses conhecimentos não são adquiridos em uma escola forma ou através de leituras, mas sim por escutar pessoas que ocupam o mesmo cargo a mais tempo e colocando na prática o que se aprendeu. Nas palavras de Hampaté Bá:

“Agora podemos compreender melhor em que contexto mágico-religioso e social se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de ancestrais ou de pessoas idosas. O que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: “Aprendi com meu Mestre”, “Aprendi com meu pai”, “Foi o que suguei no seio da minha mãe”. (2010; p.174)

No século XIX povos africanos foram trazidos do continente africano para o Brasil, para serem escravizados. Efetivamente, com essa escravização de povos africanos ocorreu um processo que para além de forçá-los a trabalho braçal, queriam fazê-los esquecer e abandonar sua cultura. Ainda no continente africano muitas vezes o povo europeu, após destruir ou usurpar seus bens materiais, obrigavam os africanos a dar voltas em torno de uma árvore para que assim ele ou ela esquecesse de sua cultura. E quando chegavam no território brasileiro passavam por um período de catequização, porém, isso não ocorreu desta maneira. Efetivamente, os africanos não precisavam de grande estrutura para poder praticar sua religiosidade, não precisam de palco, cruz, entre outras coisas mais, apenas poder falar já é o suficiente para repassar os conhecimentos ancestrais, nas palavras de Hampaté Bá:

“Esta noção de ‘respeito pela cadeia’ ou de ‘respeito pela transmissão’ determina, em geral, no africano não aculturado a tendência a relatar uma história reproduzindo a mesma forma em que a ouviu, ajudado pela memória prodigiosa dos iletrados. Se alguém o contradiz, ele simplesmente responderá: ‘Fulano me ensinou assim!’, sempre citando a fonte” (2010; p.181)

A tradição oral utilizada pela Umbanda foi responsável por manter resguardado um saber ancestral. Então, mais do que apenas pensar em seu papel religioso, existe um saldo no que diz respeito à manutenção de diversos conhecimentos, seja desde conhecimento que funcionais do dia-a-dia como maneiras de cozinhar com poucos recursos alimentícios à disposição, como também a produção artística como cantar ou tocar diversos instrumentos musicais.

### **CAPÍTULO III**

#### **“O RAP é compromisso, não é viagem.”**

A expressão RAP provém da língua estadunidense, com o sentido de *Rhythm And Poetry* – traduzindo, Ritmo e Poesia. Este estilo é assim denominado porque mescla um ritmo intenso com rimas poéticas, integrando o cenário cultural conhecido como Hip Hop. Tem suas origens na Jamaica, onde surge com força entre a juventude negra das periferias do país. No final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, no Brasil, o RAP ganha força e notoriedade antes nunca visto, os

Mestre de Cerimônias conhecidos como MCs, agora vinham com letras que retratavam a realidade das periferias, suas mazelas mas também suas glórias. E, se fosse para ser escolhido uma frase para sintetizar o que é o RAP, o Rapper Sabotagem, com certeza nos daria uma ajuda, pois em sua música “Rap é compromisso” ele nos diz, complementando o próprio título da música, “O RAP é compromisso, não é viagem.”. Isso porque o RAP, mesmo sendo um componente de uma cultura popular, não atua em conformidade com as 7 (sete) características colocadas por Verlaine, apesar de dialogar em alguma medida. Por exemplo, podemos dizer que de fato, em linhas gerais, o RAP pretende passar uma mensagem e influenciar as pessoas, mas de maneira alguma, essa influência seria apenas para poder vender suas músicas ou ter algum tipo de controle social. Seguiremos evidenciando isso.

Um dos maiores grupos de RAP da história é o Racionais MC's. Grupo criado na década de 1980 por 4 (quatro) jovens negros criados na periferia de São Paulo - SP. Kleber Geraldo Lelis Simões, vulgo *KL Jay*, o DJ do grupo, isso é, o responsável por tocar as batidas que darão melodia às músicas do grupo, sendo muitas criadas por ele; Paulo Eduardo Salvador, vulgo *Ice Blue*, e Edivaldo Pereira Alves, vulgo *Edi Rock*, dois cantores e compositores do grupo; Pedro Paulo Soares Pereira, vulgo *Mano Brown*, cantor, compositor, produtor e líder do grupo.

Quatro jovens negros, nascidos em periferias e revoltados com a situação que vivia o povo negro e pobre, decidem organizar e lutar pelos seus. Essa foi a receita para criar 4 meninos que viriam a se tornar homens que, de forma simples e cirúrgica, traria em suas composições a realidade do povo negro, periférico, pobre, realidade de alegria, luta, tristeza, luto e tantas outros sentimentos transmitidos em suas músicas.

O álbum “Sobrevivendo no Inferno” conhecido por suas letras que sintetizam a realidade que muitos moradores de periferia vivem, e por isso tornou-se algo produzido pela cultura de massa amplamente difundido nas favelas e periferias. A música “Periferia é Periferia (em qualquer lugar)” é uma das que melhor demonstra esse caráter já no seu próprio nome e por isso mantivemos nosso enfoque mais concentrado nela. Essa música traz elementos que ocorrem nas periferias, por exemplo, em parte da música o grupo diz:

“De dia a pivetada a caminho da escola

À noite vão dormir enquanto os manos "decola"

Na farinha... hã! Na pedra... hã!

Usando droga de monte, que merda! há!

Eu sinto pena da família desses cara!

Eu sinto pena, ele quer mas ele não pára!

Um exemplo muito ruim pros moleque.

Pra começar é rapidinho e não tem breque.” (1997)

Ele relata o funcionamento dentro das favelas e periferias, que pela constância que ocorre pode até ser considerado comum, que é a relação com as drogas ilegais. O uso é, por muitas vezes, naturalizado. O medo do usuário, o medo de quem comercializa, a tristeza de ver um familiar ou amigo nessa situação, todos esses sentimentos ainda existem, mas, eles são esperados por aqueles que vivem nas periferias. E, isso, faz com que, caso ocorra, não seja algo surpreendente.

Nesse mesmo álbum, o grupo utiliza a música para conscientizar as pessoas, principalmente os jovens, acerca da relação com as drogas, lícitas e ilícitas, orienta sobre uma possível postura a quem seria um usuário, já no estágio de vício. Na música *Capítulo 4, Versículo 3* ocorre o seguinte diálogo entre Ice Blue e Mano Brown:

“ICE BLUE

Ei, Brown, sai fora, nem vai, nem cola

Não vale a pena dar ideia nesses tipo aí

Ontem à noite eu vi na beira do asfalto

Tragando a morte, soprando a vida pro alto

[...] MANO BROWN

Veja bem, ninguém é mais que ninguém Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também

ICE BLUE

Mas de cocaína e crack, uísque e conhaque

Os mano morre rapidinho, sem lugar de destaque

MANO BROWN

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma? Nem dá, nunca te dei porra nenhuma” (1997)

Nesse diálogo o Ice Blue apresenta um personagem fictício, mas que na vida real existe. Quem é negro, pobre, morador de periferia, o resultado para quem se torna dependente químico de drogas ilícitas como Cocaína e Crack, e bebidas alcóolicas como uísque e conhaque, pode vir a ser muito ruim, podendo chegar a ser fatal. E a postura que Ice Blue tem nesse diálogo perante a essa situação é de querer se afastar da pessoa de maneira a inferiorizá-la, mas Mano Brown retruca com uma postura calma e humilde. Entendendo que, de fato, a dependência química pode acabar com a vida de uma pessoa, e a postura de quem está ao redor no convívio dessa pessoa não é de exorcizá-la, mas sim, de dentro de suas condições acolher e tentar auxiliar para garantir que essa pessoa tenha melhores condições de vida. Assim, a mensagem perpassa o sentimento de humildade e respeito que todos e todas devem ter com as pessoas que possam ter algum tipo de dependência química, pois não podemos ter o senso de superioridade referente a eles, nas palavras de Acauam Silvério sobre a postura que o grupo apresenta, é a *“extraordinária capacidade de formalização desse novo tipo de voz coletiva que emergia: uma fala da periferia para a periferia”* (2018).

Já na música “Dá Ponte Pra Cá” do álbum *Nada como um Dia Atrás de Outro Dia*, o grupo traz referências de como a vida na periferia é diferente da de um bairro dito nobre. O refrão da música diz

*“Não adianta querer ser, tem que ser, tem que pá*

*O mundo é diferente da ponte pra cá*

*[...] Eu nunca tive bicicleta ou vídeo-game*

*Agora eu quero o mundo igual Cidadão Kane*

*Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola*

*Minha meta é dez, nove e meio nem rola” (2002),*

Assim, o grupo começa a nos mostrar a dualidade que existe na vivência completamente antagônicas, de pessoas que vivem em uma mesma região, mas que em um determinado ponto geográfico a realidade entre regiões de uma mesma cidade pode ser completamente diferente, do ponto de vista social. Onde, em uma parte, as pessoas têm todos seus direitos básicos garantidos, seja pelo Estado, seja pela condição financeira que sua classe social tem, na outra parte, nas periferias, as pessoas não teriam seus direitos básicos garantidos, de forma alguma. A título de exemplo real podemos identificar que segundo o G1:

“Por outro lado, o Lago Sul, região nobre do Distrito Federal, se fosse um município seria o mais rico do Brasil. A diferença de renda entre as duas regiões do "quadrado" que formam a capital federal é de mais de R\$ 10 mil mensais por pessoa.”<sup>3</sup>

Essa afirmação veio depois do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE) realizar o censo de 2022 e identificar que a região conhecida como Sol Nascente se tornou naquele ano a maior favela da América Latina. E que ao passo que as famílias que residem no Sol Nascente sobrevivem em média com R\$ 915 reais por pessoa, os moradores que residem na região do Lago Sul vivem com R\$ 10.979 reais por pessoa, assim evidenciando na prática que “dá ponte pra cá”, realmente, tudo é diferente.

Nesse sentido, percebemos que o intuito do grupo Racionais MC's ao escrever essas músicas, é passar uma mensagem para as pessoas moradoras de periferias, e não somente vender sua arte. Mesmo que para Adorno, esse álbum se classificaria como “*cultura de massa*”, isto é, culturas não necessariamente populares, mas criadas para massificar um pensamento. Mas, no caso em questão, vale salientar que de modo algum, essas características não são meios de fazer um produto que se pense unicamente em criar um produto para vender. Pois esse seria outro processo, que Adorno definiria como “*Indústria Cultural*”, isto é, um processo

---

<sup>3</sup>Verificar em:

<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/02/14/lago-sul-em-brasilia-seria-o-municipio-mais-rico-do-brasil-entenda.ghtml>. Acessado em 23/03/2024

de criação de um produto que servirá apenas para agradar um público alvo no afincio de vender o produto.

Poder-se-ia dizer que, em suma, a ideia do no grupo nesses álbuns seja, de fato, passar uma mensagem, discurso a ser absorvido por todos que escutarem. E se tentar pensar uma palavra que resumisse esse discurso, poderia ser *amor*, amor pela sua origem, amor pelas pessoas que têm a mesma origem, amor pela sua condição cultural dentro da sociedade. E a partir disso agir em conformidade para que outras pessoas sentissem o mesmo, isso é, nas palavras de Acauam Silvério:

“‘sujeito periférico’: o morador da periferia que assume sua condição, tem orgulho desse lugar e age politicamente a partir dele. O termo ‘periferia’ passaria a designar não apenas ‘pobreza e violência’ — como até então ocorria no discurso oficial e acadêmico —, mas também ‘cultura e potência’, confrontando a lógica genocida do Estado por meio da elaboração coletiva de outros modos de dizer.” (2018)

## **CAPÍTULO IV**

### **“É o RAP do DF, invadindo a cena”**

Perpassando a capital do país, Distrito Federal, observa-se que o RAP apresenta uma latente representatividade, através da produção do RAP de letras encarregadas de retratar o cotidiano periférico, suas fragilidades e potencialidades da produção de arte no território. As músicas trazem, nas composições das e dos MC's, denúncias sobre diversas violências que o povo sofre, seja pela polícia, seja pelo feminicídio, seja pelo racismo, ou tantas outras violências. O grupo de *RAP Atitude Feminina*, composto por duas mulheres, Aninha e Ellen, duas mulheres que nasceram na periferia do DF, em São Sebastião. Em suas músicas denunciam essas violências que são tão reais para a periferia, a exemplo na música *Rosas*:

“Que pena! Novamente embriagado

Aquele cheiro de maconha, inconfundível, é claro

Tentei acalmá-lo, ele ficou irritado

Começou a quebrar tudo loucamente, lombrado

Eu falei que estava grávida, ele não me escutou

Me bateu novamente, mas dessa vez não parou  
Vários socos na barriga, lá se vai a esperança  
O sangue escorre no chão, perdi a minha criança  
Aquele monstro que um dia prometeu me amar  
Parecia incontrolável, eu não pude evitar  
Talvez se eu tivesse o denunciado  
Talvez se eu tivesse o deixado de lado  
Agora é tarde, na cama do hospital  
Hemorragia interna, o meu estado era mau  
O sonho havia acabado e os batimentos também” (2006)

Nesse trecho, utilizando uma história lúdica, traz um relato, que pode ser entendido como denúncia, da situação a que a vida das mulheres das periferias está submetida. Algo que, pelos filmes, músicas, e diversas expressões culturais e artísticas da própria Indústria Cultural, é colocado como um sonho que, sem realizá-lo, você não será plenamente feliz, o casamento. O que é “pintado” como algo muito maravilhoso, na realidade da vida das mulheres da periferia pode ser o oposto, pode significar dor, morte e luto. Essa é uma música escrita nos anos 2000, mas que, infelizmente, ainda é uma realidade. Segundo o Jornal A Verdade, “*o ano de 2023 tem sido o pior para as mulheres no Distrito Federal (DF). Até agora, já foram registradas 27 mortes por feminicídio (além de outras 47 tentativas).*”<sup>4</sup>

O RAP do DF, também é um ponto de partida para que o povo das periferias começasse a se valorizar, e sentir orgulho de sua cultura, orgulho em ser periférico. Um outro grupo que teve relevância nesse aspecto, foi a Tribo da Periferia, composto por Nelcivando Lustosa, vulgo Look, e Luiz Fernando, vulgo DuckJay, dois nascidos e criados na periferia do DF, Planaltina. Podemos observar, em uma determinada música do grupo, *Carro de Malandro*, o grupo diz:

“Boyzinho da classe nobre, lá de Civic e whisky

---

<sup>4</sup> <https://averdade.org.br/2023/10/omissao-do-governo-do-df-aumenta-femicidio/>. Acessado em 12/03/2024.

Nós tem seis boca, tem Chevette astucioso

Aqui é carro de malandro, Caravan cabuloso

Na rua é o comboio em ritmo febroso” (2005)

Ou, na música “*Opala 71 Azul*” do grupo Tropa de Elite, formado por Kel, Nigreen e Xavv, 3 (três) jovens de uma das maiores periferias do Brasil, Ceilândia, onde dizem:

“Um opala 71 azul, vou de rolê na quebrada

Chega de notícia ruim, é ruim, prefiro uma gelada

Sexta-feira 9:30, tá meio quieto

Eu vou ligar pro Markin, deve ter um bode certo (2004)

Aqui, não mais existe uma vergonha ou baixa estima pela condição do periférico como periférico. Pelo contrário, agora é exaltado e colocado como uma conquista de felicidade, no exemplo é o carro, que pode não ser o carro do ano, que os mais ricos e moradores de bairros, supostamente nobres, usam, mas é o carro que é da periferia. Com características da periferia, seja o aro 20 brilhoso ou o motor adaptado. O RAP, retrata as vivências com alegria. O que era vergonha, o RAP transforma em orgulho.

O fortalecimento desse orgulho, dessa alegria, do ser periférico enquanto periférico está cada vez mais forte. Com iniciativas como o Jovem de Expressão (JEX), um projeto realizado pelo Instituto de Referência da Juventude, que se encontra na Ceilândia - Distrito Federal, e visa, por meio da cultura da periferia, trabalhar coisas fundamentais com a juventude, como o projeto interno do JEX é o “Se cuida, quebrada” que disponibiliza atendimento psicológico profissional para a juventude, ou o “espaço aberto” que incentiva a juventude a ocupar um espaço com sua arte, debate, ou qualquer atividade que busque a integração e envolvimento da comunidade.

Como essas, também existem as *Batalhas de Rima*, que são movimento majoritariamente de jovens negros e periféricos, e que cada vez mais nas periferias e ganhando força. As Batalhas de Rimas, funciona em alguma medida com um

método parecido, que consiste em um chaveamento de competição onde uma pessoa, uma dupla ou um grupo de MC's rimam um contra o outro. E existem 2 (estilos) mais comuns, são "*Ideologia*" e "*Pederastia*", onde o primeiro são rimas mais harmônicas e que trazem uma mensagem positiva, em uma perspectiva mais séria; ao passo que a segundo, de maneira até irreverente, traz rimas com mais piadas e graças, em tom de brincadeira.

### **Considerações finais**

A compreensão de Cultura, que por alguns, podem ser consideradas como culturas contra hegemônicas, vai além do que o conceito de indústria cultural pode abarcar. Por se opor a ideias e métodos de uma classe, por inverter aspectos caros à cultura hegemônica -como no caso do consumo dos carros de luxo, invertida no consumo de carros velhos e customizados -; por não se submeterem assim, totalmente à lógica da Indústria Cultural. A música, a religião, a dança, o teatro, e tanta cultura, não virão para dominar alguém, para vender um produto. Não nasceram simplesmente para passar um pensamento através de sua arte e sua vivência que, por mais pomposo e até divertido que se possa aparentar, no fundo, na realidade, pretende apenas lucrar.

Para outros, a Culutra que nasce onde o recurso são escasso, com o povo negro, com o povo pobre, com as mulheres que são mãe-solo, com as pessoas trans, com toda a diversidade do nosso povo. Nasce nas periferias.

Vive nas Periferias. Conversa com a periferia.

A religiosidade, a música, e tantas formas de expressão, de organização e luta, são principalmente a força vital de sobrevivência. Uma cultura que salva a mente e o corpo, que muitas vezes, está inserido em um contexto de vulnerabilidade social e econômica. Social, pelo medo que parece ser incessante, seja medo de a própria pessoa passar por uma vivência de sofrimento, ou alguém próximo passar por essa vivência. Econômica, por ter que utilizar 8 (oito) horas de seu dia dentro de um transporte público, por ter de trabalhar por, também, 8 (oito) horas diárias, para receber um salário de miséria que mal dá pra sobreviver.

Para essas pessoas, a Umbanda e o RAP, vai ser uma fortaleza coletiva.

A missão de trazer coisas boas para a “quebrada” não começou com esse trabalho. Tampouco, irá terminar nele. Mas, essa é uma contribuição para que as coisas possam mudar. Foi ouvindo Racionais MC’s dizer que era necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que tantos jovens acreditaram no sonho da Universidade Pública. Foi com a benção dos Orixás, que tantos aguentaram a vivência dentro da Universidade Pública. Foi com esses dois, que muitos jovens entenderam que somente coletivamente a gente consegue conquistar os seus sonhos.

O debate, a discussão, os futuros trabalhos sobre esse tema, serão muitos, pois é uma necessidade. É uma necessidade que o povo da periferia tenha amor, paz e liberdade. Que cada vez mais, ocupam a Universidade, e cada lugar que almejam. Esse trabalho, essa graduação e esse ciclo se encerra. Mas a luta continua, então não voltem para suas “quebradas” de mãos e mentes vazias. Como diz a famosa frase das rodas de rimas e eventos de RAP que seja do DF - e que leva o nome do capítulo 4 (quatro) deste trabalho - *“É o RAP do DF, invadindo a cena”*, o RAP invadiu a Universidade, mas não vai ser apenas para ser estudado e comentado pelo “boyzin”, mas para fortalecer todo periférico que adentra esse lugar.

E os “filhos de santo”, comumente chamado todo aquele que faz parte de religiões de matrizes africanas, também não devem ser pauta de estudo por outrem, e muitos menos, serem vítimas de violência. Mas devem ser tratados com respeito. Tendo em evidente que a maneira que a Umbanda se organiza, através de cargos, da fala e da escuta, são métodos de adquirir, desenvolver e repassar conhecimentos. Que por sua vez são tão válidos quanto qualquer conhecimento adquirido com métodos que podem ser considerados tradicionais em algum contexto.

Por fim, o trabalho ajuda a evidenciar para todos aqueles que querem estudar ou comentar sobre cultura, que as culturas que nascem na periferia seguem uma lógica contrária àquela que é colocada por Verlaine. Onde existe uma característica que é apenas vender um produto, e para isso pensar a cultura de maneira onde reforça uma necessidade de ter aquele produto, seja através da falsa ilusão que o produto vai trazer felicidade ou que o produto vai de ajudar em algo que, na prática é irrelevante. As culturas periféricas têm uma necessidade diferente. Essas querem organizar a periferia em torno da sua sobrevivência, e para isso a um forte estímulo

na criação de sentimento de orgulho e felicidade com o seu contexto. Não de aceitar a miséria, a violência ou demais mazelas que às vezes são impostas pelo Estado ou por outra classe social, mas sim, orgulho na sua maneira de falar, de criar, de andar, de se expressar como ser humano.

## Referência Bibliográfica:

HAMPATÉ BÁ, A. **A tradição viva**. Brasília: Ed. Unesco, 2010.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo ao Inferno**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2018.

ADORNO, T.W. **Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin - 2ª edição**. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2013.

Rodrigo Duarte, **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.218p.

MARIENE, C. **Oxóssi**. Bahia: Eldorado, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=km00HIK3fJA>. Acesso em 15 de jan. 2024.

ATITUDE FEMININA, **Rosas**. Distrito Federal: 2006. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/atitude-feminina/487433/>. Acesso em 13 de março. 2024.

TROPA DE ELITE, **Seis bocão** Distrito Federal: 2004. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/tropa-de-elite/de-role-na-quebrada.html>. Acesso em 13 de março. 2024.

JORNAL DA RECORD. **MC Salvador da Rima denuncia agressão de PMs**. 2021. Disponível em: [https://youtu.be/s-OCRjAXAgk?si=7iYtn6HN\\_JJpJPtg](https://youtu.be/s-OCRjAXAgk?si=7iYtn6HN_JJpJPtg). Acesso em 22 de Jan. 2024.

G1. **Coletivo denuncia intolerância religiosa após adolescente umbandista ser agredida em escola de Joinville**. Santa Catarina, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/04/28/coletivo-denuncia-intolerancia-religiosa-apos-adolescente-umbandista-ser-agredida-em-escola-de-joinville.ghtml>. Acesso em 22 de Jan. 2024.

G1. **Um 'quadrado', duas realidades: diferença de renda por pessoa entre Lago Sul e Sol Nascente, no DF, é de mais de R\$ 10 mil**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/03/18/um-quadrado-duas-real>

[idades-diferenca-de-renda-por-pessoa-entre-lago-sul-e-sol-nascente-no-df-e-de-mais-de-r-10-mil.ghtml](#); Acesso em 22 de Jan. 2024.

JOVEM DE EXPRESSÃO, Distrito Federal, 2007. Disponível em: <https://jovemdeexpressao.com.br/>. Acesso em 13/03/2024.